

# Friederich Nietzsche

## Crepúsculo dos ídolos

Trad: por comodidade de edição, há traduções misturadas. Para uma leitura mais rigorosa, recomendamos a tradução de Paulo César de Souza (Comp. das letras).

### I O PROBLEMA DE SÓCRATES

1

Em todos os tempos os sábios fizeram o mesmo juízo da vida: *ela não vale nada*... Sempre, em toda parte, ouvimos sair de suas bocas o mesmo tom — um tom repleto de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência contra a vida. Mesmo Sócrates disse ao morrer. "Viver — é estar há muito tempo enfermo: devo um galo a Esculápio libertador". Mesmo Sócrates estava farto. — O que *prova* isso? O que *indica* isso? Outrora se teria dito ( — oh, foi dito, e muito alto, e com nossos pessimistas à frente!) : "É necessário que haja aqui algo de verdadeiro! O consensus sapientium (consenso dos sábios) prova a verdade". — Falamos assim ainda hoje? Podemos falar assim? "De todo modo, deve haver alguma *doença* nisso" — eis nossa resposta: esses sábios entre os sábios de todos os tempos, é preciso primeiramente vê-los de perto! Talvez não estivessem firmes sobre suas pernas? Fossem tardios? Vacilantes? *Décadents*? Talvez a sabedoria apareça na Terra como um corvo, que se entusiasma com um ligeiro odor de cadáver? ...

2

Essa irreverência de considerar os grandes sábios como *tipos de decadência* nasce em mim precisamente num caso em que o preconceito letrado e iletrado se opõe com maior força: reconheci em Sócrates e em Platão sintomas de decadência, instrumentos da dissolução grega, pseudo-gregos, antigregos (*Nascimento da Tragédia*, 1872). Aquele *consensus sapientiae* — sempre o compreendi claramente — não prova, de maneira alguma, que os sábios tivessem razão naquilo em que concordavam: prova, isto sim, que eles próprios, esses mais sábios entre os homens, em alguma coisa coincidiam *fisiologicamente*, para situarem-se - terem de se situar - negativamente perante a vida. Juízos, juízos de valor acerca da vida, a favor ou contra, nunca podem ser verdadeiros: o único valor que apresentam é o de serem sintomas e só como sintomas merecem ser levados em consideração - em si, tais juízos são bobagens. É necessário portanto estender a mão para se poder apreender essa *finesse* (finura) extraordinária de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, porque ele é parte interessada e até mesmo objeto de disputa, e não juiz; nem pode ser apreciado por um morto, por outras razões - Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema é até uma objeção contra ele mesmo, constitui uma falta de discernimento e faz com que se ponha em dúvida sua sabedoria. — Como? Todos esses grandes sábios não só teriam sido decadentes, mas, além disso, pode ser que não fossem sequer sábios? - Mas, volto ao problema de Sócrates.

[...]

11

Dei a entender de que modo Sócrates fascinava; parecia um médico, um salvador. Será preciso mostrar o erro que sua crença na "razão a todo custo" continha? - Enganam-se a si mesmos os moralistas e os filósofos ao imaginarem vão sair da *décadence* fazendo-lhe guerra. Sair dela está fora de suas forças: o que elegem como meio de salvação é apenas mais uma expressão da *décadence* - mudam sua forma de expressão, contudo não a suprimem. Sócrates foi um mal-entendido; *toda a moral de aperfeiçoamento, inclusive a moral cristã foi um mal-entendido.*

Buscar a luz mais viva, a razão a todo preço, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, despojada de instintos e em conflito com eles, foi somente uma doença, uma outra doença - e de maneira alguma um retorno à virtude, à saúde, à felicidade. Ter de combater os instintos - eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto.

[...]

## VI OS QUATRO GRANDES ERROS

[...]

2

A fórmula geral que serve de base a toda religião e a toda moral é: "Faça isto e aquilo, não faça isso e aquilo — e então serás feliz! Caso contrário... Toda moral, toda religião é esse imperativo,- eu o denomino o grande pecado original da razão, a *desrazão imortal*. Em minha boca essa fórmula se converte no seu oposto — *primeiro* exemplo de minha "tresvaloração de todos os valores": um ser que vingou, um "feliz" realizará necessariamente certas ações e temerá instintivamente realizar outras, ele carrega a ordem que representa fisiologicamente para suas relações com os homens e as coisas. Numa fórmula: sua virtude é o *efeito* de sua felicidade... Vida longa, uma prole numerosa não são a recompensa da virtude; pelo contrário; a virtude é essa desaceleração no metabolismo que produz, entre outras conseqüências, a longevidade e a prole numerosa, numa palavra, o que se chama de *cornarismo*. A Igreja e a moral afirmam: "O vício e o luxo são a causa do perecimento de povos e raças". Minha razão *restaurada* diz: se um povo se arruína, degenera fisiologicamente, seguem-se daí o vício e o luxo (isto é, essa necessidade de estimulantes cada vez mais fortes e mais freqüentes que toda natureza esgotada sente). Um jovem empalidece e envelhece prematuramente. Seus amigos dizem: tal ou tal doença é responsável por isso. Eu digo: o fato de adoecer, de não resistir à doença, já foi conseqüência de uma vida debilitada, de um esgotamento hereditário. O leitor de jornais diz: este partido foi destruído devido a este ou aquele erro que cometeu. Minha política mais elevada diz: um partido que comete este ou aquele erro está no fim - não possui a segurança do instinto. Cada erro, em todo sentido, é conseqüência da degeneração do instinto, de uma desagregação da vontade: com isso praticamente se define o *ruim*. Tudo *bom* é instinto - e portanto, leve, necessário, livre. O esforço é uma objeção, o deus se diferencia tipicamente do herói (na minha linguagem: pés *ligeiros* são o primeiro atributo da divindade.

3

*O Erro de uma falsa causalidade* - Em todas as épocas acreditou-se saber o que é uma causa: porém de onde tiramos nosso saber, ou melhor, a crença de sabermos? Do domínio desses famosos "fatos interiores", dos quais nem sequer um demonstrou ser real. Acreditávamos intervir nós mesmos como causa nos atos da vontade e pensávamos que ali, ao menos, iríamos *flagrar no ato* a causalidade. Da mesma maneira concebíamos que os *antecedentia* de uma ação, suas causas deviam ser buscados na consciência e nela se achariam novamente ao serem buscados - como "motivos": de outro modo, não seríamos livres nem responsáveis por aquela ação. Afinal, quem discutiria que um pensamento é causado? Que o Eu causa o pensamento?... Desses três fatos interiores com que a causalidade parecia afiançada. O primeiro e mais convincente é a vontade considerada como causa, a noção de uma consciência (espírito) como causa e depois a do Eu (sujeito) como causa, apareceram posteriormente; depois que a causalidade da vontade se firmou como dado, como algo *empírico*. Nesse meio-tempo refletimos melhor. Hoje não cremos em uma só palavra de tudo isso. O mundo interior está repleto de fantasmas e de reflexos enganosos; a vontade é um desses fantasmas. A vontade já não põe em movimento nada, portanto não explica

nada - apenas acompanha os acontecimentos, e pode também estar ausente. O que chamam um motivo: outro erro. O motivo é somente um fenômeno superficial da consciência, um acessório do ato e que mais oculta os *antecedentia* deste do que os representa. E quanto ao Eu! Tornou-se uma fábula, uma ficção, um jogo de palavras: cessou inteiramente de pensar, de sentir e de querer!... Que resulta disso? Não há causas mentais absolutamente! Toda a sua suposta evidência empírica foi para o diabo! Eis o que resulta disso! - e havíamos cometido um belo abuso com essa "evidência empírica", com base nela havíamos *criado* o mundo como um mundo de causas, um mundo de vontade, um mundo de espíritos. A mais antiga e mais duradoura psicologia estava atuando aqui, não fazia outra coisa: para ela, todo acontecer é um agir, todo agir é consequência de uma vontade, o mundo tornou-se-lhe uma multiplicidade de agentes, um agente (um "sujeito") introduziu-se por trás de todo acontecer. O homem projetou fora de si os seus três "fatos interiores", aquilo em que ele acreditava mais firmemente, a vontade, o espírito, o Eu - extraiu a noção de ser da noção de Eu, pondo as "coisas" como existentes à sua imagem, conforme sua noção de Eu como causa. É de admirar que depois encontrasse, nas coisas, apenas o *que havia nelas colocado?* - A coisa mesma, repetindo, a noção de coisa, é apenas um reflexo do Eu como causa... E até mesmo o seu átomo, meus caros mecanicistas e físicos, quanto erro, quanta psicologia rudimentar permanece ainda em seu átomo! - Para não falar da "coisa em si", do *horrendum pudendum* (horrível parte pudenda) dos metafísicos! O erro do espírito como causa confundido com a realidade! E tornado medida da realidade! E denominado Deus!-

[...]

7

*O Erro do Livre-arbítrio.* - Não somos indulgentes com o conceito de "livre-arbítrio": sabemos bem demais do que se trata - o mais famigerado artifício de teólogos que já houve para tornar a humanidade responsável à maneira deles, o que equivale a colocar a humanidade sob a dependência dos teólogos... Vou me limitar a explicar a psicologia do "tornar responsável". - Onde quer que exijam responsabilidades, o instinto de *judgar e de punir* anda, geralmente, mesclado na tarefa. Retira-se a inocência do vir-a-ser quando se faz remontar esse ou aquele modo de ser à vontade, a intenções, a atos de responsabilidade; a doutrina da vontade foi inventada, principalmente, com o objetivo da punição, isto é, *de querer achar um culpado*. Toda a antiga psicologia, psicologia da vontade, deve sua existência ao fato de que seus inventores, os sacerdotes, à frente das velhas comunidades, quiseram atribuir-se o *direito* de castigar - ou criar para Deus esse direito... Os homens foram considerados "livres" para poderem ser julgados e punidos - ser *culpados*: conseqüentemente, toda ação *teve* se ser considerada como querida, voluntária, e a origem de todo ato localizada na consciência (- assim, a mais fundamental falsificação de moedas in *psychologicis* (em questões de psicologia), transformou-se em princípio da própria psicologia...). Hoje, que entramos na corrente contrária e nós, os imoralistas, buscamos com todas nossas forças retirar mais uma vez do mundo o conceito de culpa e de castigo, e deles purificar a psicologia, a história, a natureza, as instituições e as sanções sociais, não há, a nossos olhos, oposição mais radical que a dos teólogos, que por meio do conceito de "ordem moral do mundo", prosseguem empesteando a inocência do vir-a-ser com "culpa" e "castigo". O cristianismo é uma metafísica do carrasco...

8

O que pode ser a *nossa* doutrina? - Que ninguém dá ao ser humano suas características, nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e antepassados, nem ele mesmo (- o contra-senso desta última idéia rejeitada foi ensinado sob o nome de "liberdade inteligível" por Kant e talvez já por

Platão). Ninguém é responsável pelo fato de existir, seja desta ou de outra maneira, por se achar em tais condições em tal meio. A fatalidade de seu ser não pode se separar da fatalidade de tudo o que foi e será. O ser humano não é a consequência de uma intenção, uma vontade, uma finalidade próprias; com ele não se faz a tentativa de alcançar um "ideal de humanidade" ou um "ideal de felicidade" ou um "ideal de moralidade" - é absurdo querer empurrar seu ser para uma finalidade qualquer. Nós inventamos o conceito de finalidade; na realidade não se encontra finalidade... Cada um é necessário, um fragmento do destino, pertence ao todo, *está* no todo - não há nada que possa julgar, medir, comparar e condenar nosso ser, pois isto significaria julgar, medir, comparar e condenar o todo... *Mas não há nada fora do todo!* O fato de que ninguém mais é feito responsável: de que o modo do ser não pode ser remontado a uma *causa prima*, de que o mundo não é uma unidade, nem como mundo *sensorium*, nem como "espírito" - somente com isso é novamente estabelecida a *inocência do vir-a-ser*. O conceito de Deus foi, até agora, a maior das objeções contra a existência... Nós negamos Deus, negamos a responsabilidade em Deus, e apenas *assim* redimimos o mundo.-

[...]

## IX INCURSÕES DE UM EXTEMPORÂNEO

[...]

24

*L'art pour l'art* [A arte pela arte]. — A luta contra a finalidade na arte é sempre uma luta contra as tendências moralizadoras, contra a subordinação da arte à moral. *L'art pour l'art* significa: "ao diabo com a moral!". - Mas mesmo essa hostilidade revela a força dominante do preconceito. Porém ainda que se exclua da arte o fim da pregação moral e do aperfeiçoamento humano, não se conclui daí que a arte deva carecer em absoluto de uma finalidade, de um sentido, de um objetivo que seja, numa palavra *l'art pour l'art* — um verme que morde a própria cauda. — "Antes não ter uma finalidade que ter uma finalidade moral!" - assim fala a paixão. Já um psicólogo pergunta: O que faz toda arte? não louva? não glorifica? não escolhe? não enfatiza? Com tudo isso a arte *fortalece ou enfraquece* certas valorações... é isso um acessório, uma coisa accidental? É algo em que o instinto artístico não participa absolutamente? Ou não é antes o pressuposto para que o artista *possa...*? Seu mais profundo instinto visa a arte, não visa antes o sentido da arte, a vida? - A arte é o grande estimulante para a vida: como poderíamos entendê-lo como sendo sem finalidade, sem objetivo, como *l'art pour l'art*? - Resta uma outra questão: não mostra a arte muitas coisas que toma da vida, feias, duras, duvidosas- ela não parece com isso tirar a paixão pela vida? - E, de fato, houve filósofos que lhe emprestaram esse sentido: Schopenhauer ensinou o "desvencilhar-se da vontade" como propósito geral da arte e venerou o "incliná-la à resignação" como a grande utilidade da tragédia. - Porém isso - já dei a entender- é a óptica do pessimista e "mau olhado" -: devemos recorrer aos próprios artistas. "*Que nos comunica de si o artista trágico?*" O que afirma, não é precisamente a falta de temor diante do terrível e do incerto? - Esse estado é altamente desejável; quem o conhece lhe tributa as maiores homenagens. Ele o comunica, *tem* de comunicá-lo, desde que seja um artista, um gênio da comunicação. A valentia e liberdade de sentimento ante um inimigo poderoso, ante uma sublime adversidade, ante um problema que suscita horror - é esse estado *vitorioso* que o artista trágico escolhe, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de guerreiro em nossa alma festeja suas saturnais; aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem heróico exalta a sua existência com a tragédia - apenas a ele o artista trágico oferece o trago desta dulcíssima crueldade.-

